

## **Aprenda xadrez com os filósofos: o despedaçamento do ser como possibilidade**

### **Learn chess from philosophers: the shattering of being as a possibility**

EDGARD VINÍCIUS CACHO ZANETTE<sup>1</sup>

Quando terminei o doutorado em filosofia tive a inocente impressão de ganhar uma carta de alforria. Mas como?

A academia é o templo da retomada infinita, indelével, continuada, do saber magistralmente acumulado. Um professor é, antes de tudo, um grande repetidor. Retomamos as obras que nos antecederam, lemos os melhores comentários, linha a linha. Passamos anos, décadas, fazendo análise estrutural de filosofias estrangeiras que imploramos ser nossas. Muitas vezes ficamos por um semestre estudando não mais que um parágrafo da *Crítica da Razão Pura* de Kant, ou coisas desse feitio. É elegante ser professor de Filosofia, ainda que seja uma profissão esquisita. O professor filósofo é um poço de sabedoria.

Entre tantas expectativas e frustrações, logo percebi que o patrulhamento acadêmico continuaria e, talvez, seria pior. Ter o título de doutor nos coloca em uma posição defensiva, frágil. As pessoas esperam que saibamos tudo e que sejamos moralmente corretos, modelos de virtude e trabalho. Certas bobagens, erros, insights, ensaios, tentativas, seriam observados mais criticamente pelos moralistas. De outra parte, aprendi na Unioeste que a academia é o território do método, do edifício do saber, mas também é um espaço de transgressão. As discussões no bar em frente à faculdade, os encontros fortuitos com amigos e professores, os Simpósios e as Semanas Acadêmicas, as festas do DCE e do CAFIL etc, são momentos chave que colocam em xeque a pureza acadêmica e transgredem o currículo. Neste sentido, quando o professor Claudinei Aparecido de Freitas me convidou para contribuir neste volume primoroso, e, mais, que eu poderia escrever sobre o que quisesse, fiquei entusiasmado. Primeiramente pensei na zona de conforto: vou escrever algo interessante sobre Descartes. Na sequência, o desejo de escrever a partir do que aprendi com professores queridos, tais como César Augusto

---

<sup>1</sup> Bolsista IC Pet-Filosofia. Bacharel/Licenciado e Mestre em Filosofia Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduado em Letras-Português (Claretiano). Professor colaborador da UNICAMP (Bolsista/Estágio Remunerado PED B/2011, Bolsista Capes/2011 a 2013). Professor efetivo do Curso de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual de Roraima (UERR). Membro dos grupos de pesquisa Estudos Cartesianos - ANPOF e da Escola Amazônica de Filosofia - EAF. Pós-Doutorado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) com pesquisa filosófica no Instituto Católico de Toulouse/França (2017). Pós-Doutorado pela Unioeste com pesquisa filosófica na Universidade do Salento/Lecce/ Itália (2018). Coordenador do Mestrado Profissional em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania da UERR. E-mail: [edgardzanette1@gmail.com](mailto:edgardzanette1@gmail.com)

Battisti, João Antônio Ferrer Guimarães, Edson Medeiros de Andrade etc, se diluiu com o sentimento de não estar no ritmo de realizar mais um comentário clássico.

Os clássicos estão sempre presentes, são atuais e transpassam o tempo. Todavia, na maioria das vezes os gigantes estão em nossos ombros, quando deveria acontecer o contrário: precisamos estar sobre os ombros de gigantes. Dizendo a verdade, atualmente estou sem tesão de escrever textos como comentador. Por fim, acordei meio louco e me lancei na escrita de um relato provocativo. Este texto apresenta algumas ideias do meu novo livro autoral publicado este mês pela editora da Universidade Estadual de Roraima. Bem, aqui manifesto profunda gratidão pelo que foi compartilhado comigo, em minha jornada no curso de Filosofia da Unioeste e da academia brasileira de Filosofia.

Ao celebramos 30 anos de existência do PET Filosofia Unioeste, pensei em problematizar algumas ideias da recente obra publicada pela editora da UERR - *Aprenda xadrez com os filósofos*<sup>2</sup>. Nesta obra transpassamos a majestosa catalogação aristotélica do conceito de causa, ou algo semelhante. Curiosamente, não me preocupo mais em escrever uma filosofia acabada, completa, que dê conta de explicar o ser enquanto ser e todos os elementos que explicam a totalidade. Mas penso, eventualmente, sobre questões ligadas ao meu modo de vida nesse mundo e de como eu, que quase nada sou, sou algo no acontecer do ser que não é acabado, ou, ao menos, se o ser é uma totalidade, esta totalidade me escapa e eu permaneço em estado *zetético*, tal qual um cético pirrônico<sup>3</sup>.

Não sou um cético pirrônico clássico, pois é chato e descabido transformar o real para mim como arma de combate contra a verdade, ainda que, admito, a verdade é um mistério. Seja como for, a obra tomou outro rumo em relação ao que eu apresentaria. Eu optei, então, em escrever alguns apontamentos sobre o acontecimento do ser no xadrez, ou, do xadrez como despedaçamento do ser, como acontecimento na experiência filosófica de aprender a jogar xadrez. Considero que, talvez, o verdadeiro problema da metafísica seja o despedaçamento do ser, do ser que acontece em ínfimas possibilidades nas subjetividades dos sujeitos pensantes. Pensar a totalidade pode ter suas contribuições, mas o desejo do uno, da descoberta da unidade total e indissolúvel de um ser fechado em sua própria lógica, tal qual Parmênides pensara, é uma teoria totalitária do ser.

Embora eu admire profundamente as obras de Alain Badiou<sup>4</sup>, empresto do filósofo o conceito de *acontecimento* sem me comprometer com sua filosofia. Não quero e nem

---

<sup>2</sup> Zanette, Edgard Vinícius Cacho. Aprenda xadrez com os filósofos [livro eletrônico]: uma batalha inusitada entre pensamentos e jogadas.1.ed. Boa Vista, RR: UERR Edições, 2022. O livro está disponível para ser baixado gratuitamente pelo link: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/catalog/book/64>

<sup>3</sup> ZANETTE, 2010. *O ceticismo pirrônico e a classificação das Filosofias possíveis*. In: Theoria: Revista Eletrônica de Filosofia. Pouso Alegre. Ed. 05/2010, p. 142-150.

<sup>4</sup> Neste escrito evitamos realizar citações diretas, pelo estilo adotado ser fluído e livre.

pretendo me filiar ao pensamento de Badiou. Seja como for, a ideia de identificar a infinitude do presente me atrai. Pensar uma filosofia do presente é recortar algo do ser para nós e fazer desse algo sentido no aqui e agora.

Podemos admitir que esse viés é uma maneira diferente de pensar a dialética que nos foi legada desde os filósofos gregos. Sócrates pensava a dialética como experiência de sujeitos que precisavam disputar suas teses para melhor acender à conhecimentos universais. Ir do particular ao universal, superar a opinião e alcançar a ciência, é uma das peças-chave do conceito clássico de dialética. Do conceito socrático ao conceito de dialética hegeliano aparecem dificuldades, ao aceitarmos que a dialética é uma forma de ascensão, da superação do ser como história que acontece no mundo e segue um processo para a descoberta da liberdade. O ser deixa de ser acontecimento e é pura expressão intencional, tornando-se um *télos político*.

Gosto da obra *Metafísica e Finitude* de Gerd Bornheim. Conheci esta obra através do amigo Pedro Gambim, um brilhante professor que foi tutor do pet-filosofia da Unioeste por muitos anos. A ideia de o ser acontecer como dialética, como a maneira pela qual a verdade se desvela historicamente, tem o problema de escorregarmos naturalmente para a questão da dominação. Interpretar o real, interpretar o ser como dialética que acontece no mundo a partir da relação de dominação do homem pelo homem, é uma chave de leitura importante, porém, totalitária. Este é um dos impedimentos que sempre tive ao estudar Marx e autores marxistas e marxianos. Não aceito que o ser aconteça apenas como luta de classes e relações de poder. Efetivamente, o reducionismo desta interpretação do real leva a uma maneira de pensar que traz mais erros que acertos, e o ser continua escapando à análise marxista. Não vou aqui penetrar em um debate com a história do marxismo e tampouco tenho interesse em refutar tão bem edificada tradição filosófica, apenas aponto que nossa maneira de pensar não pousa neste reino de ideias, embora admiremos o conceito de dialética e apliquemos algumas de suas categorias no xadrez.

A dialética abordada na obra *Aprenda Xadrez com os Filósofos* parte de Sócrates e do diálogo como abertura. O xadrez é uma ciência que depende de dois cérebros pensando em contínua relação de combate, e nesta guerra está presente a união substancial cartesiana, com os corpos que abrigam seus respectivos cérebros pensantes em estreita e inseparável união. A alma não está no corpo como um piloto em seu navio, nos diz René Descartes. E em uma partida de xadrez entre humanos, sujeitos não jogam xadrez sem corpos. Por outro lado, computadores jogam xadrez sem corpos, ou praticamente sem corpos, com algoritmos e cabos e fios transpassando cálculos matemáticos muito superiores ao nosso modo humano de pensar. As máquinas são outras coisas que sujeitos humanos, nós somos o que somos.

Não basta pensar bem, mas é fundamental pensar bem no uso do tempo como passagem. Não podemos jogar xadrez desprezando o tempo, pois a capacidade de jogar rápido, de manusear as peças e o relógio de xadrez, tem papel importante, complementando a capacidade de pensar as melhores jogadas. Lembremos que o jogo de xadrez é uma batalha intelectual contra um oponente e contra o tempo. Em cada partida cada jogador possui um determinado tempo para jogar e, caso o tempo termine, o jogador que deixou “seu tempo cair” perde imediatamente a partida. Então, no acontecer do pensamento no jogo de xadrez, não basta pensar bem, mas é preciso pensar bem e rápido. O ser é esguio, o ser no jogo de xadrez é combate, é luta, o ser no xadrez é acontecimento em um aqui e agora no qual tudo pode acontecer. Esse tema foi muito bem trabalhado na novela “Xadrez” (Schachnovelle - título original) de Stefan Zweig, e comentamos essa obra em (ZANETTE, 2022, p. 58).

Nos esportes uma das coisas mais interessantes são as zebras. O xadrez é um jogo de zebras. Zebras são animais exóticos que hipnotizam com suas linhas aparentemente disformes. Campeões, os chamados “Grandes Mestres” (GMs) perdem torneios raramente para jogadores mais fracos, mas acontece. Para citar um exemplo, eu que sou um jogador amador, professor, funcionário público, com um pouco de treino e em um dia de inspiração, empatei com o grande mestre multi-campeão brasileiro Darcy Lima, joguei treze partidas, ganhando dez, empatando três e não perdendo nenhuma, me tornando campeão brasileiro de xadrez (2022) na modalidade Relâmpago (Blitz)<sup>5</sup>. É verdade que no xadrez Blitz jogadores fracos tem mais chances de vencer jogadores mais fortes. Mas mesmo no xadrez clássico, com longo tempo de reflexão, fracos eventualmente vencem fortes. A beleza do acontecimento no esporte reside nesta luta em perseverar e em fazer acontecer algo imprevisto, isto é, romper a suposta superioridade do melhor. A luta, o combate que é de todas as coisas pai, *à la* Heráclito, reina como festa. Quem queira conhecer sobre as modalidades do jogo de xadrez, basta ir ao capítulo que trata do tema em meu livro supracitado.

Jogar xadrez é inútil, fazer filosofia é inútil, a vida, tem algum sentido? O sentido não é dado, não está posto como cognoscível irrefletido. O sentido só é cognoscível como construção, como doação de significado. Há sujeitos humanos que dotam as coisas de sentido. Na doação de sentido, no cuidado, no recolher algo e dizer: isso, eu, isso é meu, isso é para mim, eu quero isto, eu quero fazer isso, eu quero praticar isso, eu quero me tornar.... eu sou... é nesse esforço do acontecer do sentido como doação que fazemos ciência, filosofamos e jogamos xadrez. Embora seja estiloso pensar somente através de conceitos teleológicos, considerando o mundo como dado e as coisas como fechadas, se

---

<sup>5</sup> O resultado oficial pode ser conferido no site: <http://chess-results.com/tnr666134.aspx?lan=10&art=1&rd=13>

todos por natureza desejam saber, esse desejo também supõe um âmbito pré-intencional que subjaz ao próprio saber.

O brincar, o gozar o mundo, o fazer do mundo festa, na tentativa de perseverar e sobreviver, parece indicar um âmbito pré-reflexivo que subjaz ao próprio ato do saber como desejo aristotélico. O jogo de xadrez chama atenção como brincadeira. Em toda ciência, como é o caso do jogo de xadrez, nós temos outras intenções mais puras e menos competitivas, frutivas, que permitem o gozar a vida com sentido.

Ailton Krenak não é um metafísico, não é um filósofo tal qual aqueles que eu estudei na Universidade. Dois livretos dele chamam atenção. *Ideias para adiar o fim do mundo e a vida não é útil*. Ideias para adiar o fim do mundo pensa a presença do ser como fugaz, como cuidado. O limite está dado, incerto, difuso, o limite está aí, porém, a construção de uma humanidade que não olhe para o limite, simplesmente acelera o projeto de destruição do todo circundante. Com outras palavras, o Brasil e o mundo se lançam em uma luta pela produção jamais vista na história. Esta caçada à natureza, a hecatombe dos sistemas naturais de vida, tudo isso levará, é óbvio, para o fim dos tempos. Logo, evitar o fim do mundo é o único projeto filosófico que nos resta. Não há escolha. Ou paralisamos os governos ecocidas e etnocidas, ou o fim do mundo abarcará o circundante em poucos séculos.

Sob outro enfoque, segundo o olhar de quem vive na Amazônia, sabemos que suas populações sofrem por falta de estradas, ausência de trabalho, falta de escolas, problemas de condução, problemas de internet etc. Pessoas nativas que vivem nestas vastas regiões precisam ter a oportunidade de escolher como viver. Alguns realmente desejam viver tal qual sempre viveram, evitando se aproximar dos brancos e de seus costumes. Mas, a grande maioria, reconhece suas tradições, vive um pouco das tradições, porém, sente profunda curiosidade e desejo de participar da cidade capitalista. As tentativas de excluir os indígenas de viver a cidade capitalista é uma outra forma de exclusão perversa. Ora, aprendemos com o helenismo que um cidadão da comunidade também pode ser um cidadão do mundo. Os nativos das comunidades tradicionais devem ser protagonistas de sua própria história e de como desejam viver. Proibir estas pessoas de habitar o mundo e isolá-las, intencionalmente, é um crime tão nefasto quanto a ideia de os brancos saírem pelo mundo colonizando e evangelizando todos e tudo. O meio-termo, sempre ele, precisa ser construído.

Tive a oportunidade de trabalhar em uma escola indígena no interior de Roraima e continuo tendo contato com alunos indígenas nestes nove anos de Amazônia. Nós do sul/sudeste por vezes temos uma visão ridícula do indígena, como se ele não produz nada e que vive andando com cocar e arco e flexa em punho. A história da nossa música, da literatura brasileira, tudo isso contribuiu para expressar uma falsa imagem, pois, na

verdade, não existe “um indígena brasileiro”, existem centenas, talvez milhares de formas de ser dos indígenas brasileiros. A multiplicidade assusta, porém, ela é mais fiel que a ideia fechada de o Brasil ser o resultado de colônias de pessoas que vieram trazer paz, ciência e teologia para um mundo decaído. É claro que a crítica voraz não pode apagar todas as coisas positivas que os europeus nos legaram. Mais uma vez, um meio-termo deve ser construído. Eis Aristóteles novamente, sempre ele!

As tendências destrutivas da civilização precisam ser freadas, mas a nossa forma de habitar o mundo não pode ser ingênua de maneira a evitar que todos possam participar da cidade. Esse sistema não é o melhor dos mundos possíveis e está longe de ser, porém, privar os nativos de escolher participar da cidade capitalista, é uma outra forma de etnocídio. Não faz sentido que a verdadeira vida esteja ausente, como problematiza Emmanuel Levinas. Devemos significar o presente, o aqui e o agora, e o desejo de uma transcendência positiva que deve ser o complemento de um presente bem vivido, fruído, feliz.

Pensar o acontecimento do ser no xadrez é pensar vias descomprometidas, recortes, deixando de lado edificações metafísicas clássicas, para que simplesmente fruamos o problema do tempo acontecendo na finitude. Cada partida de xadrez abre possibilidades e, neste processo, são lançados mundos de sentidos e significados para sujeitos pensantes finitos. Eis aqui um pequeno ensaio para provocá-los a ler a obra *Aprenda Xadrez com os Filósofos*. Nela expomos mais profundamente nossa perspectiva ética de pensar o despedaçamento do ser como acontecimento no jogo de xadrez. A volatilidade do acontecer do ser, como recorte no tempo, faz que no xadrez nem sempre *ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas*.

## Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica*, v. II. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- AVERBACH, Y.; BEILIN, M. *Viaje al reino del ajedrez*. Tradução do russo: Augustín Puig. Barcelona: Ediciones Martines Roca, 1975. (Colección Escaques)
- BADIOU, A. *O ser e o evento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Logiques des mondes: L'être et l'événement*. Paris: Seuil, 2006.
- \_\_\_\_\_. *L'immanence des vérités: L'être et l'événement*. Domont, France: Fayard, 2018.
- BATTISTI, C. A. “Sujeito em Descartes: ser pensante e corpo”. In: *Às voltas com a questão do sujeito: posições e perspectivas*. Ijuí, RS; Cascavel, PR: UNIJUÍ/EDUNIOESTE, 2010.
- BORNHEIN, G. *Metafísica e finitude*. Porto Alegre: Movimento, 1972.
- DESCARTES, R. *Discurso do Método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

- \_\_\_\_\_. *Méditations métaphysiques*. In: *Oeuvres de Descartes*, Vol. IX-I, Adam et Tannery, 11 vols. Paris, Vrin, 1973-8.
- FAVRETO, E. K.; SILVA, J. C. S.; ZANNETE, E. V. C. (Orgs.). *A filosofia como ponto de encruzilhada: ensaios epistemológicos, interdisciplinares e existenciais*. Boa Vista: UERR Edições, 2021.
- KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, vol.1.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis* (p. 689). Viseu. Edição do Kindle.
- \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994, 3 vol. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000243.pdf>
- MATHIAS, H. G. *Machado de Assis e o jogo de xadrez*. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol 13, 1952, p. 143-191. Disponível em: <[https://www.machadodeassis.org.br/abl\\_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start73a5.html?inoid=304&sid=112](https://www.machadodeassis.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start73a5.html?inoid=304&sid=112)>. Acesso em: 10 de abril de 2021.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates, Eutífron, Criton*. Tradução de André Malta. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Diálogos*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1973. 13 v.
- \_\_\_\_\_. *Mênon*. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio; Loyola, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- REALE, G. *História da filosofia antiga: Platão e Aristóteles*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz; Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.
- ROBINSON T.M. *A psicologia de Platão*. São Paulo: Loyola, 2007.
- SPINOZA, B. *Éthique*. Paris-Tel-Aviv: Éditions de l'Éclat, 2005.
- ZANNETE, E. V. C. "A influência do ceticismo na filosofia de Descartes e a dúvida posta em questão". In: *Revista Reflexões*, Fortaleza- CeAno 1, n° 1, p. 71-87, jul/dez 2012.
- \_\_\_\_\_. *Ceticismo e subjetividade em Descartes*. Curitiba: CRV, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Crítica ao sensível na teoria da alma racional de René Descartes*. 2. ed. Boa Vista: UERR Edições, 2021.
- \_\_\_\_\_. "O ceticismo pirrônico e a classificação das filosofias possíveis". In: *Theoria: Revista Eletrônica de Filosofia*. Pouso Alegre, MG. Ed. 05/2010, p. 142-150.
- VERNANT, J-P. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- ZWEIG, S. *Amok e xadrez*. Tradução: Odilon Gallotti e Marcos Branda Lacerda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.